

Meu Deus, pensou Mae. Estou no Paraíso.

O *campus* era enorme e labiríntico, vibrando com as cores do Pacífico, e no entanto todos os detalhes tinham sido cuidadosamente pensados, e depois realizados pelas mãos mais hábeis. Num terreno que já fora um estaleiro, depois um cinema *drive-in*, depois um mercado de rua, e finalmente uma ruína, havia agora suaves colinas verdes e uma fonte de Calatrava. E um parque de merendas, com mesas dispostas em círculos concêntricos. E campos de ténis, de terra batida e relva. E um campo de vólei, onde minúsculas crianças da creche da empresa corriam, guinchavam e se cruzavam como água. No centro disto, havia também um local de trabalho, quase duzentos hectares de aço escovado e vidro, na sede da mais influente empresa do mundo. O céu era imaculado e azul.

Mae atravessou tudo a pé, do parque de estacionamento até à entrada principal, tentando parecer que pertencia ali. O caminho serpenteava por entre limoeiros e laranjeiras, e o seu empedrado de um vermelho discreto era substituído, de quando em quando, por ladrilhos com pedidos veementemente inspiradores. “Sonhem”, dizia um, com a palavra gravada a *laser* no ladrilho vermelho. “Participem”, dizia outro. Havia dúzias deles: “Unam-se”. “Inovem.” “Imagemem.” Mae esteve quase a pisar a mão de um jovem vestido com um fato de macaco cinzento; o novo ladrilho que ele estava a instalar dizia “Respirem”.

Naquela segunda-feira quente de junho, Mae chegou à porta principal e ficou parada por baixo do logotipo gravado no vidro. Embora o Círculo tivesse menos de seis anos, o seu nome e o seu logotipo — um círculo em volta de uma rede entrelaçada, com um pequeno “c”

no centro — já eram dos mais conhecidos em todo o mundo. Havia mais de dez mil funcionários neste *campus*, o principal, mas a empresa tinha escritórios em todo o planeta, e contratava centenas de jovens mentes brilhantes todas as semanas. Fora eleita quatro anos seguidos como a empresa mais admirada do mundo.

Mae nunca pensaria que viesse a ter a oportunidade de trabalhar num sítio assim, se não fosse por Annie. Annie era dois anos mais velha, e tinham partilhado um quarto durante três semestres da faculdade, num edifício muito feio que só se tornara habitável graças à excelente relação de ambas, um pouco como amigas, um pouco como irmãs, ou então primas que desejavam ser irmãs e nunca mais ser separadas. No primeiro mês em que viveram juntas, Mae partiu o maxilar um dia ao entardecer, depois de desmaiar durante os exames, enfraquecida pela gripe e pela fome. Annie dissera-lhe para não se levantar da cama, mas Mae fora até ao *7-Eleven* buscar café e acordara no passeio, debaixo de uma árvore. Annie levou-a para o hospital e esperou que lhe imobilizassem o maxilar, depois ficou com Mae, dormindo ao seu lado, numa cadeira de madeira, a noite toda, e já em casa alimentou Mae por uma palhinha durante dias. Era um grau incrível de empenho e capacidade, que Mae nunca encontrara em ninguém mais ou menos da sua idade, de modo que a partir daí ficara leal a Annie de uma forma que nunca imaginara ser possível.

Enquanto Mae continuava em Carleton, a hesitar entre cursos, da história da arte ao *marketing*, passando pela psicologia — acabando, aliás, por se licenciar em psicologia, sem planos de fazer carreira nesse campo —, Annie licenciou-se, fez o seu MBA em Stanford e recebeu propostas de todo o lado, mas sobretudo do Círculo, para onde foi trabalhar dois dias depois da sua licenciatura. Tinha agora um título impressionante — Diretora de Garantir o Futuro, brincava Annie — e insistira com Mae para que ela também se candidatasse a um lugar no Círculo. Mae aceitara e, embora Annie insistisse que não usara a sua influência, Mae tinha a certeza de que ela o fizera, e sentia-se profundamente endividada. Um milhão de pessoas, melhor dizendo, mil milhões gostariam de estar onde Mae estava agora, a entrar naquele átrio, quase com dez metros de altura e inundado pela luz californiana, no seu primeiro dia de trabalho para a única empresa verdadeiramente importante.

Empurrou a porta pesada. O átrio principal era tão comprido como uma alameda e tão alto como uma catedral. Olhando para cima, só

via escritórios, quatro andares deles de cada lado, com as paredes inteiramente em vidro. Sentindo-se subitamente estonteada, Mae baixou os olhos e, no imaculado chão reluzente, viu o seu próprio rosto refletido, com uma expressão inquieta. Obrigou a sua boca a sorrir, ao sentir uma presença atrás dela.

“Deves ser a Mae.”

Quando Mae se virou, viu uma bela cabeça jovem que parecia flutuar sobre uma écharpe vermelha e uma blusa de seda branca.

“Sou a Renata”, disse.

“Olá, Renata. Estou à procura...”

“Da Annie. Eu sei. Ela vem a caminho.” Da orelha de Renata saiu um som, um toque digital. “Aliás, neste momento está...” Renata olhava para Mae, mas estava a ver outra coisa. Devia ser uma interface retinal, pensou Mae. Outra inovação que nascera ali.

“Está no Velho Oeste”, disse Renata, focando-se de novo em Mae, “mas chegará em breve.”

Mae sorriu. “Espero que ela tenha levado víveres e um cavalo forte.”

Renata sorriu educadamente, mas não se riu. Mae sabia que a empresa costumava batizar cada parte do *campus* com o nome de uma época histórica; era uma maneira de tornar menos impessoal, menos corporativo, aquele lugar enorme. Sempre era melhor do que Edifício 3B-Este, o sítio em que Mae trabalhara antes. O seu último dia nessa empresa pública da sua cidade natal fora apenas há três semanas — tinham ficado estupefactos quando ela se despedira — mas já lhe parecia impossível que tivesse desperdiçado tanto tempo da sua vida ali. Bons ventos os levem, pensou Mae, aquele *gulag* e tudo o que ele representava.

Renata continuava a receber sinais no seu auricular. “Oh, espera”, disse, “agora está a dizer que continua ocupada.” Renata olhou para Mae com um sorriso radiante. “E se te levasse até à tua secretária? Ela diz que vai lá ter contigo aproximadamente daqui a uma hora.”

Mae emocionou-se um pouco com aquelas palavras, *a tua secretária*, e lembrou-se imediatamente do pai. Ele estava orgulhoso. *Tão orgulhoso*, dissera no atendedor de chamadas de Mae; devia ter deixado a mensagem às quatro da manhã. Ela recebera-a ao acordar. *Tão, mas tão orgulhoso*, dissera ele, com a voz embargada. Mae acabara o curso há dois anos e ali estava ela, lucrativamente contratada pelo Círculo, com o seu próprio seguro de saúde, o seu próprio

apartamento na cidade, deixando de ser um peso para os pais, que já tinham tantos outros motivos de preocupação.

Mae seguiu Renata, deixando o átrio para trás. No relvado, sob uma luz difusa, dois jovens estavam sentados numa elevação artificial, falando animadamente e com uma espécie de *tablet* transparente nas mãos.

“Vais ficar no Renascimento, ou seja, ali”, disse Renata, apontando para um edifício em vidro e cobre oxidado do outro lado do relvado. “É onde está o pessoal todo da Experiência do Cliente. Já tinhas estado aqui?”

Mae disse que sim com a cabeça. “Sim. Algumas vezes, mas não naquele edifício.”

“Então conheces a piscina, o pavilhão desportivo.” Renata acenou em direção a um paralelograma azul e a um edifício anguloso, o ginásio, que se erguia atrás da piscina. “Ali fica o centro de ioga, *crossfit*, Pilates, massagens e *spinning*. Ouvi dizer que fazes *spinning*? Atrás estão os campos de petanca, e o novo equipamento de espirobol. A cafetaria fica do outro lado do relvado...” Renata apontou para o imenso relvado luxuriante, com meia dúzia de jovens vestidos profissionalmente, mas deitados como se apanhassem sol. “E é aqui.”

Pararam em frente do Renascimento, outro edifício com um átrio de dez metros de altura, e um móbile de Calder a girar lentamente no teto.

“Oh, adoro Calder”, disse Mae.

Renata sorriu. “Eu sei.” Observaram ambas o móbile. “Este costumava estar no Parlamento francês. Ou algo do género.”

O vento que entrara com elas fez girar o móbile de modo que um dos seus braços ficou a apontar para Mae, como se a recebesse pessoalmente. Renata pegou-lhe no cotovelo. “Pronta? Por aqui.”

Entraram num elevador de vidro ligeiramente alaranjado. As luzes acenderam-se, e Mae viu o seu nome aparecer nas paredes, juntamente com a sua fotografia de quando terminara o secundário. BEM-VINDA, MAE HOLLAND. Um som, semelhante a um arquejo, saiu da garganta de Mae. Há anos que não via aquela fotografia, e não sentira qualquer falta dela. Devia ter sido uma ideia de Annie, atacá-la novamente com aquela imagem. A fotografia mostrava, de facto, Mae — a sua boca aberta, os seus lábios finos, a sua pele azeitonada, o seu cabelo preto, mas ali, mais do que ao vivo, as protuberantes maçãs do rosto davam-lhe um ar severo, juntamente com os olhos castanhos que não sorriam, sempre pequenos e frios, prontos para a guerra. Desde

aquela fotografia — era então uma rapariga de dezoito anos, zangada e insegura —, Mae ganhara o peso de que tanto precisava, o seu rosto suavizara-se e tinham aparecido curvas, curvas que chamavam a atenção de homens das mais diversas idades e intenções. Desde que acabara o secundário que se esforçava por ser mais aberta, mais tolerante, e ver aquilo de repente, aquele documento de uma época há muito passada em que pensava o pior do mundo, perturbou-a. Precisamente quando já não a conseguia suportar mais, a fotografia desapareceu.

“Pois, funciona tudo com sensores”, disse Renata. “O elevador lê a nossa identificação e depois cumprimenta-nos. A Annie deu-nos essa fotografia. Devem ser muito próximas, para ela ter fotografias tuas dessa altura. Seja como for, espero que não te importes. Fazemos isto sobretudo para os visitantes. Costumam ficar impressionados.”

Enquanto subiam, as atividades previstas para aquele dia eram apresentadas nas várias paredes do elevador, com imagens e textos que deslizavam de painel em painel. Cada anúncio vinha acompanhado de um vídeo, de fotografias, animação, música. Havia uma projeção de *Koyaanisqatsi* ao meio-dia, uma demonstração de automassagem à uma e de fortalecimento do tronco às três. Um congressista de que Mae nunca tinha ouvido falar, grisalho mas jovem, dava uma conferência às seis e meia. Na porta do elevador, ele aparecia a falar em cima de um palanque, noutra sítio qualquer, com bandeiras esvoaçantes atrás dele, as mangas da camisa arregaçadas e os punhos obstinadamente fechados.

A porta abriu-se, dividindo o congressista ao meio.

“Chegámos”, disse Renata, passando para uma passarela estreita em rede de aço. Mae olhou para baixo e sentiu um aperto no estômago. Conseguia ver mesmo até ao chão, quatro andares mais abaixo.

Mae tentou aligeirar as coisas: “Calculo que não ponham ninguém com vertigens aqui.”

Renata parou e virou-se para Mae, parecendo extremamente preocupada. “Claro que não. Mas o teu perfil dizia...”

“Não, não”, disse Mae. “Eu estou bem.”

“A sério. Podemos arranjar-te um andar mais baixo se...”

“Não, não. A sério. Está ótimo assim. Peço desculpa. Estava a brincar.”

Renata ficara visivelmente abalada. “OK. Mas se alguma coisa não estiver bem, diz-me.”